

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Linguísticos e Aplicados***LINGUAGEM COMO TRABALHO E ATIVIDADE CONSTITUTIVA EM
ACOMPANHAMENTOS NEUROLINGUÍSTICOS***Iva Ribeiro Cota***Tamiles Paiva Novaes****Nirvana Ferraz Santos Sampaio****

RESUMO: Este artigo apresenta e discute o caráter constitutivo da linguagem a partir da perspectiva dos estudos neurolinguísticos, estendendo sua relação como trabalho que permeia experiências, interação e práticas dialógicas. A abordagem teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva explora essa perspectiva e envolve uma visão abrangente da linguagem no sentido de contemplar o sujeito, suas relações, o contexto histórico, social e as implicações desse processo, para que se possa operar com a linguagem, atuar com o outro, considerando o seu trabalho coletivo e os efeitos do processo de interlocução, que interferem na (re)construção de processos linguísticos. Assim, essas reflexões podem ser verificadas nos dados transcritos e descritos e nas análises propostas neste texto.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Trabalho; Neurolinguística.

Introdução

As ideias aqui apresentadas baseiam-se nos princípios neurolinguísticos, permeados por estudos que abrangem o cérebro, linguagem e cognição, principalmente relacionados a situações atípicas de seu funcionamento e direcionam a avaliação e análise da linguagem a partir de práticas discursivas, dialógicas, em um movimento construtivo por meio do desempenho espontâneo para ação e interação.

* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Professora do Centro Territorial de Educação Profissional de Vitória da Conquista.

** Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Mestre em Linguística pela mesma Instituição.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora plena do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (CNPq/Uesb) e Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (CNPq/Uesb).

Ao adentrar nessas circunstâncias, afasta-se de procedimentos que permeiam situações controladas, como testes, formulários, para obter expressões linguísticas e questiona-se: De que maneira a linguagem como trabalho e atividade constitutiva interferem nos estudos neurolinguísticos?

Para esclarecer essa questão, as discussões são fundamentadas nos princípios teórico-metodológicos a partir das reflexões propostas por Coudry (2008) com base em Franchi (1997/1992), Benveniste (1970), Jakobson (1970), Luria (1981) e Freud (1891/1973). Ressaltamos que a contribuição de Benveniste, com a teoria da Enunciação, os estudos de Freud em *A interpretação das afásias* e a concepção abrangente de linguagem de Franchi foram inspiração para Coudry afirmar que há linguagem nas afásias. Esta teorização permite uma articulação dos vários suportes teóricos que tem como foco o estudo das relações entre cérebro e linguagem na vida em sociedade.

O que se objetiva nesse processo é fomentar discussões que consolidem práticas resultantes de um trabalho em conjunto entre caminhos que (re)constituem a atividade comunicativa por meio do encontro com o outro, nas situações de uso da linguagem. Assim, apresenta-se, inicialmente, a configuração dos estudos neurolinguísticos de perspectiva enunciativo-discursiva para contemplar a trajetória de acompanhamentos longitudinais que ilustram o papel das interações para tratar das práticas sociais da linguagem. A seguir, discute-se a relação da linguagem como trabalho e atividade constitutiva e, por último, explora-se a constituição da subjetividade a partir de dados de acompanhamentos longitudinais de sujeitos afásicos.

Os pressupostos teórico-metodológicos

A Neurolinguística Discursiva, abreviada como ND, tem interesse no estudo da linguagem e nos demais processos cognitivos. Esse é um campo de pesquisa relativamente recente, principalmente aqui no Brasil. A ND surgiu com Coudry em 1986 com sua tese e posteriormente em 1988 com a publicação do livro *Diário de Narciso. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*.

Segundo Coudry (2011), “como o próprio nome anuncia, parte de uma perspectiva discursiva que orienta tanto a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos quanto a análise de dados de linguagem[...]” (COUDRY, 2011, p. 23). O caráter discursivo, mais adequado ao estudo da linguagem na patologia, tem como objetivo tornar visíveis tanto as alterações que o indivíduo apresenta e as tentativas de superá-las, quanto os processos

alternativos de significado de que se serve para enfrentar as dificuldades linguísticas as quais é exposto (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 15).

Para Edwiges Morato (2001), a moderna neurolinguística se interessa principalmente pelo estudo do processamento normal e patológico da linguagem, pela repercussão dos estados patológicos no funcionamento da linguagem, pelos processos alternativos de significação e o estudo dos processos discursivos que relacionam linguagem e cognição.

Assim, a Neurolinguística Discursiva, de acordo com Coudry (2008), “é constituída por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam.” (COUDRY, 2008, p. 8). Esse movimento proporciona uma amplitude do olhar para o desenvolvimento atípico de linguagem com ênfase na integridade do sujeito.

A visão da linguagem que conduz as pressuposições da ND é a mesma permeada por Franchi (1977) que a concebe como um lugar de interação humana, de que o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. Para o autor, “a linguagem designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação; que *constitui, mas não se institui*; que não se fixa, mas retoma e se renova”. (Franchi, 1977, p. 31).

Nesse sentido, Franchi (1977) reitera:

Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem, em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e restrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários (FRANCHI, 1977, p. 54).

Dessa forma, a ND se opõe a uma visão restritiva, que separa o que é da ordem do normal e do patológico, engessando padrões, conceitos e estigmas. Assim, Coudry (1988) orienta que a linguagem é, sobretudo, uma ação sobre o outro e as expressões linguísticas guardam relações com a subjetividade. Também, para a autora, é no discurso, ou seja, *na linguagem em funcionamento*, que se cruza o conhecimento coletivo e individual, sendo no meio do discurso que o sujeito se constitui como tal, ao mesmo tempo em que organiza a linguagem e se sistematiza com o meio físico e social.

Coudry (1988) ainda ressalta a visão de discursivo nos estudos da afasia, rejeitando práticas de avaliação de sujeitos afásicos baseadas em testes metalinguísticos, pautadas em uma visão da língua como código e apartadas do “exercício da linguagem em situações efetivas de vida social” (COUDRY, 1988, p.7)

O trabalho com o acompanhamento longitudinal, segundo Coudry (1988), requer uma prática que avalia por um período mais longo, ou seja, no dia-a-dia. Acompanha-se o sujeito em situações reais e no uso efetivo da língua e não de forma artificial e numa única sessão. Outro diferencial é a análise e construção dos dados, que é feita a partir do dado-achado.

O dado-achado, segundo a autora, “pressupõe um tratamento discursivo em sua análise e nas formas de seu acontecimento, esse dado é ‘revelador e encobridor’ de fenômenos linguísticos e sua análise proporciona o movimento teórico.” (COUDRY, 2010, p. 25)

O que torna o dado em um dado-achado e diferenciado é o modo contextualizado em que é colhido e o olhar que é lançado sobre ele. O investigador utiliza o dado-achado como pista para entender os caminhos percorridos pelo sujeito, suas dificuldades e as estratégias encontradas. Esse modelo é inspirado no dado singular proposto pelo paradigma indiciário de Ginzburg (1986), um historiador italiano e autor do livro *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, que teve um importante papel no interior das ciências humanas e na estreita relação com a semiologia médica, e que tem como proposta um modelo epistemológico baseado no detalhe, no particular, que mostra muito além daquilo que se vê superficialmente.

Para Coudry (2011), “o investigador - orientado pelo que já se sabe a respeito do quadro clínico com base em uma perspectiva discursiva procura interpretar o que ocorre no *acontecimento discursivo*”. (COUDRY, 2011, p. 25). O termo acontecimento discursivo foi utilizado por Pêcheux em 1983 no livro “O discurso: estrutura ou acontecimento”. Quando o investigador procura interpretar o *curso da ação*, muda-se a função da dinâmica do próprio acompanhamento.

A ND ocupa-se, portanto, dos processos interacionais, das relações entre os processos cognitivos, da própria linguagem e das condições de produção. Ao mesmo tempo evita trabalhar com testes ou formulários, pois tais procedimentos não reportam às relações de interlocução, não tornam claras as “intenções discursivas” (COUDRY, 1988, p.15).

Ao descrever as condições e estratégias da prática clínica com a linguagem que envolve procedimentos metodológicos como a agenda, o álbum de retratos, o caderno de atividades, o trabalho com leitura do jornal, a interação com a família, a tematização de fatos e atividades de interesse social, Coudry (1988) defende que, com esses e outros procedimentos, é possível a reconstituição do indivíduo como sujeito dentro da língua, assim, observando os caminhos percorridos por ele para atingir os seus objetivos.

É importante salientar que, na prática (clínica) com a linguagem, para a ND, deve-se combater a medicalização que se pratica quando a língua(gem) é tomada como determinada, padrão para todos os falantes, o que condiciona o que é certo e o que é errado, além de estigmatizar as variedades que fogem à norma padrão. São preocupações fundantes dessa prática (clínica) com a linguagem: o não isolamento social dos afásicos, o enfrentamento da afasia e a construção de possibilidades de o afásico estar no mundo e no exercício com e sobre a linguagem, nas diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos. (SAMPAIO, 2006)

Sampaio (2006), reafirma que no CCA (Centro de Convivência de Afásicos, IEL/Unicamp) são vivenciadas, verbal e não verbalmente, situações discursivas ou de comunicação articuladas teórico-metodologicamente. Trabalho semelhante ao realizado pelo CCA na Unicamp, pode ser visto no Espaço de convivência entre afásicos e não afásicos (ECO) localizado na Universidade estadual da Bahia (UESB) coordenado pela professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio. Nesse espaço, são realizadas práticas que fazem parte das atividades linguístico-cognitivas desenvolvidas a partir dos moldes da ND.

Nas sessões do ECO, os sujeitos afásicos, junto com os não afásicos, pesquisadores, familiares e cuidadores, vivenciam a linguagem nas situações comunicativas, verbais e não verbais, na busca da construção de sentidos. Através das narrativas, dos comentários, dos diálogos, das dramatizações das cenas da vida cotidiana, das festas de aniversários e datas típicas comemoradas no espaço, da pintura e do desenho, da dança, dos comentários escritos e falados do noticiário. Além disso, a partir de anotações dos participantes em sua agenda, os sujeitos afásicos são motivados a exercer a linguagem. Em grupo há diversos interlocutores, diferentes posições enunciativas e há o trabalho com diversas configurações textuais.

Nessas sessões, os sujeitos afásicos (re)tomam e usam a linguagem em atividades epilinguísticas, praticam sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas e vislumbram possibilidades de inserção em diferentes situações e eventos comunicativos, ou seja, são motivados a mobilizar diferentes movimentos de sentido: cognitivos, enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais, situacionais).

Portanto, busca-se no ECO, compreender a heterogeneidade da linguagem e uma prática (clínica) que entenda as diferenças entre os sujeitos, seus modos de agir e de se posicionar no mundo.

A linguagem como trabalho e atividade constitutiva

Diante dos pressupostos teóricos que constituem os acompanhamentos longitudinais dentro da perspectiva da neurolinguística enunciativo-discursiva, é lícito sublinhar a linguagem e o seu papel como trabalho e atividade constitutiva de sujeitos, pois não se detém à quantificação de lacunas ou circunstâncias restritas de usos e regras da língua. Nesse sentido,

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos 'cortes' metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo—a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que 'dá forma' ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do 'vivido', que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 22)

O conceito de linguagem é tomado como uma atividade que se compõe em dimensões que contemplam aspectos contextuais, sociais, como também, subjetivos e cognitivos (COUDRY, 1988). Desse prisma, é um modo de significar o mundo em um trabalho coletivo que inclui a subjetividade, e essa significação se dá pelas mais diversas maneiras e não se limita a formas específicas.

Nesse sentido, Lebrun (1983) esclarece que:

A neurolinguística não é a lingüística aplicada a manifestações verbais mórbidas. Efetivamente, a lingüística tem por objeto a linguagem, ao passo que a neurolingüística interessa-se pelo indivíduo que, tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldades de adquirir ou utilizar adequadamente um código verbal. É aquele que utiliza a linguagem e não a linguagem em si mesma que prende a atenção do neurolinguista. Ele não estuda as perturbações lingüísticas em si mesmas; ele as analisa porque busca, através delas, compreender a desorganização dos mecanismos neurológicos causadores dessas dificuldades. Desta maneira, a neurolingüística não considera os déficits verbais como idioletos que se desviam de uma norma e que são estudados isoladamente. Ao contrário, ela se esforça em descobrir a patogenia destes déficits e explicar o comportamento verbal do doente. (Lebrun, 1983, p. 4)

Em circunstâncias de linguagem atípica, é necessário considerar o seu funcionamento, ou seja, o que ocorre em meio aos processos de significação e para avaliá-la é preciso submergir nas suas peculiaridades. E, ao avaliar a linguagem, nessa perspectiva, estabelece-se relação com as descobertas, a compreensão das dificuldades e processos alternativos constituídos em práticas discursivas em que o sujeito trabalha com os déficits e explora a “ação criadora” (COUDRY, 2002) advinda do processo de exercício da linguagem.

Os estudos relacionados à linguagem envolvem, assim, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e (re)constitui-se na interação em que o trabalho

de reconstrução do que foi perdido ou modificado é na verdade um trabalho em conjunto por relações intersubjetivas e pessoais que criam os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores, pois representa a construção do pensamento, destacando os processos de elaboração; com possibilidade de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, em um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI, 1986)

Nesse processo, considera-se a relação heterogênea entre sujeito e linguagem, em suas marcas singulares, nas reversibilidades de papéis nas diversas situações discursivas, em um trabalho ativo com e sobre a língua, por meio de uma natureza epilinguística em que explora recursos de sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos até para produzir certos efeitos.

Por meio desse olhar, cabe destacar o papel dessas comunidades de fala (SAMPAIO, 2010) que são constituídos nos espaços de convivência como o ECOA/UESB e o CCA/UNICAMP. Essas comunidades rompem o paradigma da estigmatização do erro em fenômenos sintáticos, morfológicos, fonológicos, para concentrar nas práticas de participação com outras comunidades, que envolvem desde a família, sujeitos que passam por questões de linguagem semelhante e sujeitos sem acometimentos neurológicos por meio de situações enunciativo-discursivas que englobam atividades linguístico-cognitivas permeadas pelo verbal e não verbal em eventos interacionais com fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo, conectados por constituintes linguísticos, circunstâncias sociais, culturais que tornam possíveis a comunicação, a interação, a significação.

O contexto dessas comunidades de fala salienta que, ao lidar com a linguagem, recorre-se a um sistema de referências que nos conduz a pensar o mundo e agir nele, por meio de estruturas linguísticas que estão em constante estruturação, para criar sentidos, gerar comunicação, em um processo que transmite informações, interage com outros influenciando-os e sendo, também influenciado, em sistema dinâmico de organização da realidade. Dessa maneira, vale ressaltar, a perspectiva de linguagem como ação, atividade constitutiva em que há a presença do trabalho daqueles que por ela atuam, produzindo experiências.

Quando se refere à linguagem como atividade e trabalho, fomenta-se reflexões sobre a subjetividade e alteridade (ABAURRE; COUDRY, 2008), em uma relação dinâmica com o sujeito, permitindo papéis discursivos em situações reais, situadas historicamente.

O trabalho de linguagem com os sujeitos RR e RG

Com o intuito de ilustrar as vivências da linguagem como trabalho e atividade constitutiva, apresenta-se a seguir dados que fazem parte do acompanhamento longitudinal de dois sujeitos afásicos RR (autorizado pelo Comitê de Ética Pesquisa da UESB- Protocolo 759.794) e RG (autorizado pelo Comitê de Ética Pesquisa da UESB - Protocolo 061/2010). Por meio das situações enunciativo-discursivas vivenciadas, evidenciam-se atitudes de sujeitos que insistem em agir sobre as dificuldades que o evento neurológico incide, em um movimento de busca constante e de posturas de superação sustentadas em práticas dialógicas.

O sujeito RR frequentava as sessões de acompanhamento individuais e as sessões coletivas do Grupo ECOA desde novembro de 2013. Infelizmente, em agosto de 2015 ela faleceu. Era uma mulher, nascida em fevereiro de 1968, brasileira, solteira, mãe e autônoma. RR possuía o ensino médio completo e havia passado no vestibular para cursar segurança do trabalho.

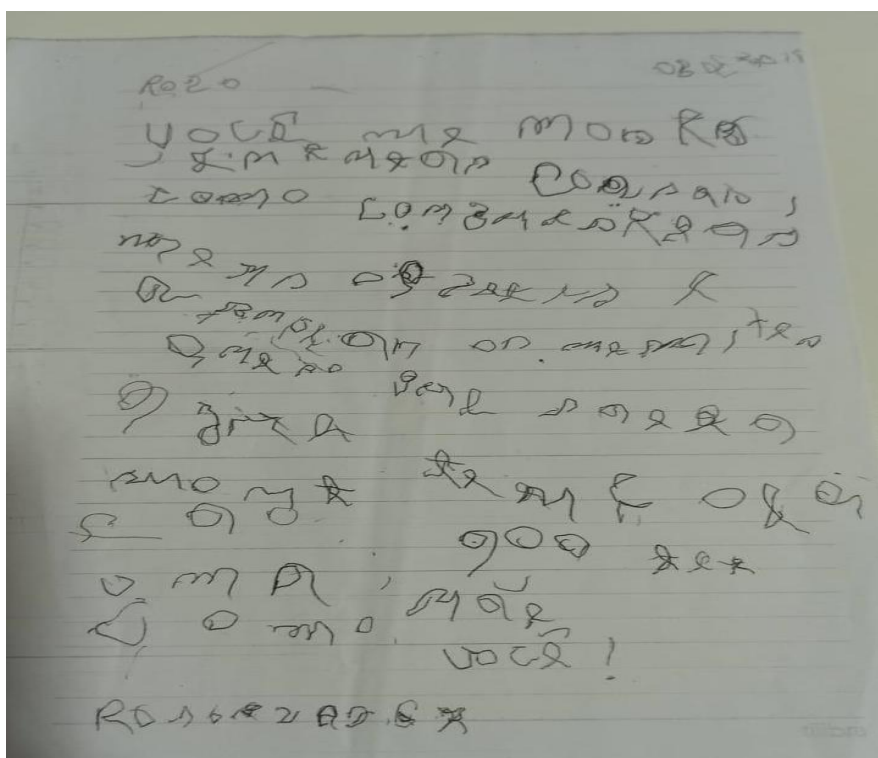
Em 2012, RR passou por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico, decorrente da hipertensão, e que teve como consequência a hemiparesia. Quanto à linguagem, RR utilizava os processos alternativos de significação para preencher as falhas da linguagem verbal, produzia poucas palavras como “sim” e “não” e apoiava-se na prosódia para estabelecer uma inter-relação de comunicação.

Para identificar a condição de escrevente de RR, já que não havia dados da escrita dela anterior à afasia, foram solicitadas algumas produções escritas de RR com diversas configurações (listas, cartão e bilhete) e também atividades escritas cristalizadas pelas práticas escolares (cópia, ditado, complementação de sentenças e palavras). Como resultado dessas “escritas diagnósticas”, observou-se que RR se saía muito bem na cópia, o que revela que ela não apresentava dificuldade com o processamento visual, nem mesmo com a coordenação visual-motora.

O dado a seguir, apresenta como ocorreu a interação entre RR e seus interlocutores, como o sujeito acessou à escrita após o AVC, como se deu o processo de (re)construção da escrita e quais as estratégias utilizadas para driblar as dificuldades. Apesar de todas as alterações, percebe-se que RR se constituía como sujeito na linguagem, pois mantinha uma vontade própria de recomeçar e um forte interesse em participar das atividades propostas, e, assim, se encontrar, de fato, no mundo e nas práticas sociais por meio de atividades colaborativas.

Dado 1 (08/05/2014): Nessa sessão, RR participou do acompanhamento em grupo do ECOA. Era véspera do dia das mães e todos confeccionaram cartões.

Figura 1: Dia das Mães



Fonte: Banco de dados Tamiles P. Novaes

Transcrição: Rosa, você me mostrou, entre tantas outras coisas, como conquistar meus objetivos e superar os meus limites. Quero que saiba que tenho muito orgulho e admiração por ter uma mãe como você.

O dado de RR revela que o desejo de voltar a escrever fez com que ela desempenhasse com afinco a atividade proposta. Mesmo com a dificuldade de escrever com a mão esquerda, pois a direita ficou paralisada por conta do AVC, ela queria praticar para melhorar e entregar o bilhete para a irmã amada. Embora precisasse muito da ajuda da investigadora, através de

promptings orais e escritos, RR se colocou disposta à escrita, em meio à colaboração do outro, neste caso, da pesquisadora/interlocutora/mediadora. Apesar de todas as alterações, ratificasse que RR se constituía como sujeito na linguagem, pois mantinha uma vontade própria de recomeçar e um forte interesse para voltar a escrever.

No acompanhamento em grupo, essa mensagem foi lida por um dos integrantes e RR compreendeu e resolveu copiá-la. É importante salientar que Rosa não era a mãe de RR, mas sim a irmã que cuidou dela após o AVC. Outro ponto importante do dado, é perceber que RR respeita o gênero carta (cartão) ao inserir a data, o vocativo, a despedida ao final com o nome próprio, revelando o posicionamento diante do foco discursivo em questão que se relacionava ao dia das mães e destacando o papel da linguagem como trabalho que dá forma ao que o sujeito afásico vive, assinalando seus valores, constituições e inferências, mesmo quando diante de perdas, revelando outras possibilidades para comunicar.

O outro sujeito, RG, 35 anos (idade do período da coleta dos dados), solteira, brasileira, nível superior completo, alegre e carismática. Segundo diagnóstico médico, apresentou uma afasia como seqüela de um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico, AVCi, decorrente de trombose de seio venoso. Antes do acometimento neurológico, ministrava cursos de oratória, fazia um curso de pós-graduação, trabalhava em uma empresa com questões contábeis, lia livros, escrevia e lidava com números com frequência.

Com o início do acompanhamento longitudinal, observou-se que RG apresentava parafasias (perturbação da linguagem oral em que a palavra desejada pelo sujeito é substituída por outra não apropriada, ou quando há troca entre os sons pretendidos e aqueles efetivamente realizados), paragrafias (alteração na linguagem escrita que consiste em escrever uma palavra por outra), dificuldade de leitura e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao telefone. Nas atividades em grupo, evidenciou-se que, quando havia sobreposição de fala de interlocutores, apresentava dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

No dado 2 apresentado no quadro 1, em seguida, evidencia-se um recorte do exercício do sujeito afásico RG para manter-se no processo de interlocução. Na situação enunciativo-discursiva, RG descreve as atividades que realizou durante a manhã para o investigador enquanto estavam a caminho do cinema e depara-se com a dificuldade para encontrar a palavra desejada

Situação enunciativo-discursiva 20/07/2011

Dado 2: Quadro 1: Pilates

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	RG	Eu fui pro pilates, né. Voltei pro pilates.		
2	Iic	Ai que chique! E o pé está ótimo, né? Não sentiu nada.		
3	RG	Graças a Deus! Mas aí /		Balança a cabeça para sinalizar negação.
4	Iic	Mas lá você estica, viu? Lembra de esticar no cinema.		
5	RG	Viu. Aí uma, uma / uma pessoa que estava fazendo pilates / ela é estudante, aí ela falou assim: essa aula, essa semana, não quer, não quer, demorar, não quer / não quer:		
6	Iic	Pa...		Prompting para introduzir a palavra passar
7	RG	Não quer passar. Aí eu falei assim: você acha? Ela falou assim: hoje ainda é quarta-feira. Eu já! Não hoje é quarta-feira ainda. Eu falei já! E ela hoje é quarta-feira ainda. Não// eu estou dizendo para você quarta, hoje ainda é quarta-feira. Eu estou dizendo para você que hoje já é quarta-feira e quinta e sexta acabou a semana.		

Fonte: Banco de dados de Iva Ribeiro Cota

Ao descrever a situação vivenciada na aula de pilates, RG depara-se no turno 5 com a dificuldade de encontrar a palavra adequada para comentar um fato ocorrido. A instabilidade de resgate do que deseja vai sendo evidenciado pelas repetições que sinalizam um momento de construção, busca, trabalho para articular possibilidades de expressar o que deseja, até chegar próximo ao sentido desejado ao dizer que “essa aula, essa semana, não quer, não quer, demorar”. Ao aproximar do que deseja, RG aponta um caminho de sentido para o interlocutor que utiliza de um *prompting* para auxiliar o resgate desejado. Assim, a linguagem em funcionamento vai revelando o caminho possível para os casos de afasia ao oportunizar a interação por meio do encontro com o outro e com os recursos linguísticos.

Considerações Finais

Ao se considerar a linguagem como trabalho e atividade constitutiva em acompanhamentos neurolinguísticos, verifica-se a necessidade de apontar que o sujeito atua pela linguagem, construindo significados, operando recursos linguísticos, reelaborando suas dificuldades.

Nesse sentido, importa privilegiar o sujeito, os processos linguísticos permeados para construir significação, no lugar de elencar faltas, para que, assim, se possa operar com a linguagem, atuar com o outro, considerando o seu trabalho coletivo e os efeitos do processo de interlocução, que interferem na (re)construção de processos linguísticos.

LANGUAGE AS WORK AND CONSTITUTIVE ACTIVITY IN NEUROLINGUISTIC FOLLOW-UP

ABSTRACT: This article presents and discusses the constitutive character of language from the perspective of neurolinguistic studies, extending its relationship as work that permeates experiences, interaction and dialogical practices. The theoretical-methodological approach of Discursive Neurolinguistics explores this perspective and involves a comprehensive view of language in order to contemplate the subject, its relationships, the historical and social context and the implications of this process, so that one can operate with language, act with the other, considering his collective work and the effects of the interlocution process, which interfere in the (re) construction of linguistic processes. Thus, these reflections can be verified in the transcribed and described data and in the analyzes proposed in this text.

KEYWORDS: Language; Work; Neurolinguistics.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M.; COUDRY, M.I.H. Em torno de sujeitos e de olhares. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008; v. 6, n. 2: p. 171-191.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1974. Edição consultada: 2006.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Edição consultada: 2001.
- COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) *Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, 399 p.
- FIORIN, J. L.; FRANCHI, C. ; ILARI, R. *Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia*. [S.l: s.n.], 2011.
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva, in: *Almanaque*, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.
- _____. Prefácio, 1986. In: COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.
- JAKOBSON, R. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. (Org.). *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.
- LEBRUN, Y. *Tratado de Afasia*. São Paulo: Paramed Editorial, 1983, 124p.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- _____. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984).
- MORATO, E.M. *Neurolinguística*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.
- PÊCHEUX, M. *Discours: Structure ou Evènement?* (Traduzido por Eni Orlandi. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas, Pontes, 1990.). Illinois, University Press, 1983.
- SAMPAIO, N. F. S.. A convivência com a afasia na comunidade de fala CCA. In: COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) *Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 49-67

Recebido em: 31/03/2021.

Aprovado em: 22/06/2021.